

Gérard Aké Loba – idealização e (des)ilusão pós-colonial

Leonor Martins Coelho

Univ. da Madeira - Centro de Estudos Comparatistas (FLUL)

Resumo: Gérard Aké Loba está ligado à primeira geração de escritores da Costa do Marfim, mas optou, inicialmente, por ter uma postura menos crítica do que Ahmadou Kourouma. Se num primeiro tempo parece defender os ideais de Houphouët-Boigny, ele virá depois mostrar o desencanto perante os insucessos da Independência. No romance de recorte utópico, *Kocoumbo l'étudiant noir* (1960), o escritor sugere que é no diálogo entre Continentes que deve assentar a nova 'cartografia' pós-colonial. Encena a emergência de forças neocoloniais em *Les Fils de Kouretcha* (1970) e representa a desposseção africana em *Les Dépossédés* (1973). No último romance de feição distópica, *Le Sas des parvenus* (1990), retomando as personagens que se desdobram no primeiro livro, Aké Loba salienta as novas imposições que comandam o País. Seguindo os trilhos do universo ficcional deste autor, propomo-nos verificar as múltiplas advertências existentes no tecido narrativo e sublinhar as identidades sofridas e/ou desajustadas que atravessam a sua escrita.

Palavras-chave: Gérard Aké Loba, idealização, diálogo intercultural, barroquização identitária, desilusão pós-colonial

Résumé : Gérard Aké Loba fait partie de la première génération d'écrivains de la Côte d'Ivoire. L'œuvre romanesque d'Aké Loba révèle une posture moins critique que celle d'Ahmadou Kourouma. Toutefois, si dans un premier temps l'écrivain adhère aux idéaux du premier président de la Côte d'Ivoire, son œuvre finira par interpréter le désenchantement face aux multiples ratés de l'Indépendance. Dans le roman à configuration utopique, *Kocoumbo, l'étudiant noir* (1960), l'écrivain suggère que c'est dans le dialogue entre les deux continents que la nouvelle 'cartographie' postcoloniale doit prendre forme. Il met en scène l'émergence des forces néocoloniales dans *Les Fils de Kouretcha* (1970) et représente le désarroi africain dans *Les Dépossédés* (1973). Dans son dernier roman à caractère dystopique, *Le Sas des parvenus* (1990), qui reprend les protagonistes de son premier roman, Aké Loba met en évidence les impositions nouvelles

que l'élite cote-ivoirienne fait peser sur le pays. Tout en suivant les lignes de force sur lesquelles se fonde l'univers fictionnel de cet auteur, nous nous proposons non seulement de vérifier les multiples mises-en-garde existantes dans le tissu narratif, mais également de souligner les identités souffrantes et/ou désajustées qui traversent son écriture.

Mots-clés: Gérard Aké Loba, idéalisation, dialogue interculturel, barroquisation identitaire, désillusion postcoloniale

Je suis d'une génération perdue; une génération qui s'est d'abord trompée et après a failli. (...) La leçon à tirer de En Attendant le vote des bêtes sauvages est que le développement exige la démocratie, le contrôle, l'indépendance et suffisamment de rationalité.

(Ahmadou Kourouma, "Qu'est-ce qui a généré les monstres de *En Attendant le vote des bêtes sauvages*", in *Regards sur la Littérature de Côte d'Ivoire*).

Introdução

Gérard Aké Loba, um dos pioneiros de uma literatura nacional da Costa do Marfim, desempenhou um papel relevante na afirmação das letras marfinenses (Lezou 1987: 48-56). Tendo por *corpus* os seus quatro romances, *Kocoumbo, l'étudiant noir*, de 1960, *Les Fils de Kouretcha*, publicado em 1970, *Les Dépossédés*, vindo a lume em 1973, e, finalmente, *Le Sas des parvenus*, de 1990, propomo-nos reflectir sobre uma realidade complexa, com processos dinâmicos engendrados pela interacção de culturas e de transformações que daí advêm. Com efeito, as narrativas de Aké Loba partilham da concepção do romance enquanto 'encenação cultural' de uma determinada época, reenviando quer para os tempos coloniais, quer para a era da independência. Nelas, o autor construirá um mundo em mutação, encenará personagens moldadas pelo paradoxo, pela instabilidade ou pela ostentação, vítimas de uma imposição cultural, ou herdeiras de uma política e ideologia que as enclausura num mundo quase sempre disfórico.

Aké Loba optou, inicialmente, por ter uma postura crítica menos corrosiva do que Charles Nokan, em *Violent était le vent* (1966), e Ahmadou Kourouma, em *Les Soleils des indépendances* (1970). Todavia, não ficou alheio aos múltiplos poderes que negam o Homem ou, pelo contrário, o transportam para a ribalta. Em *Kocoumbo, l'étudiant noir*, cuja acção decorre na época colonial, o autor acredita que o contacto com a Europa pode contribuir para a formação dos Africanos, futuros responsáveis por um país que o escritor deseja livre e moderno. Assim, como acontece, por exemplo, em *Climbié* (1956) de Bernard Dadié,¹ o primeiro romance akelobiano, modalizado pela viagem, vai encenar as aprendizagens, mas também os dissabores, de Kocoumbo, Douk, Mou, Nadan e Durandeu na metrópole. No entanto, Aké Loba não deixará de sublinhar os malogros do colonialismo, nomeadamente a violência exercida pelos colonos - como o fizera, por exemplo, o camaronense Ferdinand Oyono, em *Une Vie de boy* (1956) - e, ainda, apontar as consequências de uma visão eurocêntrica que impõe uma política de aculturação. A terceira narrativa, *Les Dépossédés*, pode, assim, ser encarada como o processo da política colonial porque é a que melhor exemplifica o desenraizamento, tanto para o Europeu, representado quer pelo Comissário Guillot, quer pelo Padre Tourbillon, como para o Africano, figurado por Païs, a mulher Akrébié e o amigo Douézo. A alienação cultural e identitária será, aliás, retomada por outros escritores, à semelhança de Jean-Marie Adiaffi, em *La Carte d'identité* (1980). O terceiro romance, *Les Fils de Kouretcha*, começa a privilegiar “la réalité immédiate, c'est-à dire soucieuse de rendre compte de la situation nouvelle créée par les indépendances africaines” [“a realidade imediata, ou seja, preocupada em dar conta da nova situação criada pelas independências africanas”], como observou Bruno Gnaoulé-Oupoh (2000 : 289). Através da construção de uma barragem no rio Kouretcha, o autor vai abordar a questão da deflorestação da região, o confronto entre a cultura indígena e a cultura europeia, a presença da cooperação estrangeira, francesa em particular, a tensão interétnica latente e as primeiras mobilidades sociais. Neste romance, através da personagem Tougon, o autor parece aceitar estas movimentações, quase sempre problemáticas, em prol do desenvolvimento da Nação. Porém, as dissonâncias deste(s) mundo(s) em crise vão marcar o seu último projecto. Em *Le Sas des parvenus*, o autor atesta, efectivamente, o insucesso da descolonização e partilhará o desencanto pós-colonial, como acontece com outros

autores ditos da segunda geração, a exemplo de Amadou Koné, com *Courses. Sous le pouvoir des Blakoro* (1982).

Organizamos a nossa exposição em três partes: da idealização à sua problematização, colonialismo e efeitos de barroquização e, por último, neocolonialismos e desilusão pós-colonial, de modo a reflectir, como sugere Jean-Marc Moura, no exame crítico da relação colonial na literatura, “et en appelle à une révolution symbolique, à la restructuration des significations impériales dominantes” [“apelando a uma revolução simbólica, à reestruturação das significações imperiais dominantes”] (Moura 1998: 174).

1. Da idealização à sua problematização

Kocoumbo, l'étudiant noir, cuja acção decorre na época colonial, reenvia-nos para a estrutura do *bildungsroman* e para a modalidade da viagem, ambas implicadas no trajecto de Kocoumbo e de outros estudantes africanos, entre eles Douk, Nadan, Mou e Durandeu, ao deslocarem-se para a metrópole a fim de completarem a sua formação. Como nos romances de aprendizagem, estas personagens saídas da adolescência deveriam tornar-se homens responsáveis, apesar das vicissitudes da vida e da solidão em França. No entanto, só Kocoumbo regressará à África², convicto de que poderá ser útil à construção de um país independente e democrático. Assim, este romance comporta um vector utópico: “je crois que nous avons une mission à remplir. Nous sommes en mission, en France. (...)” [“creio que temos uma missão a cumprir. Estamos em missão, em França.”] (*KEN*: 211), dir-nos-á Kocoumbo, o protagonista, que reencontraremos em *Le Sas des parvenus*, a exercer advocacia na Costa do Marfim.

Não obstante, o primeiro romance de Aké Loba roça também a distopia por espelhar casos de assimilação identitária. Com efeito, se o escritor valorizará o percurso do jovem Kocoumbo, sério e trabalhador, em França, será para melhor o opor à frivolidade defendida por muitos dos seus conterrâneos, nomeadamente Durandeu. É certo que o romance aprecia o percurso do protagonista pela escola francesa, o seu primeiro trabalho numa fábrica, os primeiros desassossegos amorosos com Denise e as múltiplas aprendizagens adquiridas na Europa. Trata-se, de facto, de toda uma experiência que o encaminha para a idade adulta, da razão e dos projectos de vida e de

sociedade. É certo, também, que o romance não deixará de referir os grandes atavismos africanos. No entender de Aké Loba, a pobreza extrema, a África rural, a superstição, a emoção excessiva do Negro, uma certa tendência para o roubo, nomeadamente quando se encontram em Paris, como acontece, por exemplo, com Douk, são flagelos que devem ser contrariados. É verdade, também, que outras personagens estão conscientes do contributo que podem exercer na edificação de uma nova era. Nadan, como Kocoumbo, é o espelho da seriedade que o autor considera fundamental para que a Costa do Marfim, ajudada por estes quadros formados em França, se ergue livre, moderna e próspera.

Porém, o romance não deixará de espelhar as consequências da assimilação cultural e identitária quando o aculturado se molda no exagero e na dissonância, como ilustra Durandeu, uma personagem que reaparece, de igual modo, em *Le Sas des parvenus*. Nessa narrativa, surge como político com redes estabelecidas, apesar de falido por via da sua megalomania. Em todo o caso, no primeiro romance, a primeira figuração de Durandeu acentuará a imagem de uma criatura moldada segundo um programa de desconsciencialização e de subordinação à cultura do Outro: “C’était un évolué très au fait des subtilités sociales européennes, très fier de marcher sur les talons des Français dans ce domaine et de ne rien porter sur toute sa personne, pas même son stylo, qui ne vînt directement de Paris” [“Era um ser evoluído sempre a par das subtilezas sociais europeias, muito convencido por seguir as pisadas dos Franceses nesse domínio e por não usar nada, nem mesmo uma esferográfica, que não viesse diretamente de Paris”] (*KEN*: 39).

Durandeu renega as suas origens e o seu nome africano – Koukoto – e optará por uma identidade europeia que lhe traga fama e prestígio. Aspira, pois, a uma ascensão social muito estimada pelo Europeu (Albert Memmi, *Portrait du Colonisé. Précédé du portrait du colonisateur*, 1985: 41). Em Paris, o jovem africano moldar-se-á ainda mais na imagem do colono, de modo a adquirir uma figura distinta. Esta idealização pela cultura ocidental levá-lo-á a roçar a caricatura: “Durandeu s’appliquait de tout son cœur à imiter ses modèles et ainsi les caricaturait-il sans le faire exprès” [“Durandeu aplicava-se afincadamente a imitar os seus modelos e, desta feita, caricaturava-os involuntariamente”] (*KEN*: 165). Assim, o autor critica esta identidade usurpada e essoutra valorizada, alertando para o facto de serem estes seres os futuros (anti)heróis

de uma África Independente: “Durandeu était à ses yeux le modèle des hommes noirs; il personnifiait l’Afrique en croissance. Aussi était-ce bien plus qu’une déception qu’il éprouvait à voir son héros renversé : c’était une vraie dépossession de lui-même, la mort de ses illusions”. [“Durandeu era, a seu ver, um modelo para os homens negros; personificava a África em desenvolvimento. Sofreu mais do que uma desilusão ao ver o seu herói tombado: era verdadeiramente uma desposseção de si mesmo, o fim das suas ilusões”] (KEN : 188).

Embora Pierre Moessinger (2000) considere que a problemática da identidade é um tema que gere reflexões contraditórias e definições instáveis por abranger várias áreas do saber, todas acabarão por concluir que um indivíduo sem uma identidade reconhecida será um ‘desapossado’, vivendo num ‘entre-deux’ cultural e identitário, à margem. Lembremos que Frantz Fanon já tinha vindo a acentuar, de forma particularmente arrebatada, a anulação do Negro, ao afirmar: “le malheur de l’homme de couleur est d’avoir été esclavagé. Le malheur et l’inhumanité du Blanc est d’avoir tué l’homme quelque part” [“a infelicidade do Homem de cor reside no facto de ter sido escravizado. A infelicidade e a desumanidade do Branco derivam do facto de ter de algum modo ferido de morte o Homem”] (Fanon 1952: 123).

O relacionamento entre a Europa e a África, sob o ângulo da desigualdade, estabelece, pois, uma hierarquia de culturas. Nesta perspectiva, e como sublinha Claude Claret (1993: 120), as culturas africanas situam-se num nível primitivo e arcaico, devendo copiar e seguir o mundo ocidental, um modelo de modernidade e de (re)conhecimento histórico. Se, como aponta Jean-Marc Moura (1999: 60), o tema do colonizado dolorosamente dividido entre dois mundos é ilustrado por *L’Aventure ambiguë* (1962) do escritor senegalês Cheikh Hamidou Kane, não é menos verdade que Aké Loba não ficou indiferente ao sofrimento do ser errante. É, de facto, na tensão entre duas culturas – uma imposta ou desejada e outra subjugada – que podemos compreender a destituição da identidade africana de algumas personagens akelobianas.

Apesar de propor o diálogo intercultural, defendendo não raras vezes o modelo económico, cultural e civilizacional francês, Aké Loba virá também criticar a dimensão eurocêntrica, uma vez que ela conduz a uma condição de subalternidade e a uma errância identitária. Se Albert Memmi como Frantz Fanon vieram mostrar que a elite

imitava o Branco, ostentando sinais de europeidade, Aké Loba, pelos meandros da ficção, vem também mostrar que esses seres aculturados, submetidos à cultura do Outro, anulam a cultura e identidade matricial e envergam o(s) hábito(s) do Europeu. O autor avisa, sobretudo, para os vícios de toda uma classe social emergente, fútil e insidiosa, incapaz de conduzir com sucesso as independências.

2. Colonialismo e efeitos de barroquização

O universo ficcional de Gérard Aké Loba estabelece um diálogo com o passado colonial francês, hegemónico e civilizador. Paulatinamente, a crítica às consequências da imposição colonial começam a ser cada vez mais visíveis. Em *Les Dépossédés*, texto em que a missão civilizadora do Europeu se transforma em tirania e autoritarismo, o Africano é reduzido a um estado de abulia. Assim, o autor não deixará de referir a violência e a desumanização do Europeu. De facto, contrariamente aos comandantes De Courcelles ou Camille Maillet, em *Amkoullel, l'enfant peul* (1991), do escritor malinês Hampâté Bâ, personagens verticais que impõem respeito, mas que cativam a amizade e a simpatia dos Africanos, o comissário Guillot, em *Les Dépossédés*, segue em sentido contrário, optando pelas vias da violência física e verbal.

Embora Guillot tenha mantido uma relação amistosa com os nativos em Brazzaville, desenhar-se-á o perfil de um homem temido e respeitado, em Abijão. Detentor da técnica e representante da ordem, Guillot enveredará pelas vias da violência física e verbal³, quando se sente perdido e incompreendido. O comissário assume que também ele e Rose, sua mulher, foram desapossados, ao serem enganados quanto à imagem idílica de África e ao contributo que poderiam vir a ter na construção de um povo. A barreira da incompreensão entre povos afigura-se intransponível, conforme salienta o narrador na seguinte constatação: “la simple faculté de distinguer un Noir d’un autre Noir lui manquait” [“faltava-lhe a simples capacidade de distinguir uma pessoa negra de uma outra”] (LD, 28). Guillot aproximar-se-á da loucura, porque, em território africano, ele é desapossado do seu pensamento cartesiano, da sua lógica europeia, desabafando com a mulher: “Rose! J’explose! Où sommes-nous! Où allons-nous! Qu’est-ce qu’il nous arrive?” [“Rose! Não posso mais! Que lugar é este! Onde é que isto vai parar! O que é que nos está acontecer?”] (LD: 99). Sublinha, deste modo, a

conclusão a que chegou: “nous avons manqué d’intuition les uns envers les autres” [“faltou-nos intuição para nos compreendermos uns aos outros”] (LD: 91).

O título deste romance reenvia, assim, para as consequências da colonização, que vitimou não só o Africano, mas também o Europeu. Com efeito, este romance de Aké Loba é aquele que melhor descreve a coacção cultural europeia e é também o que melhor enclausura as personagens submetidas a este jugo imperialista no *topos* da loucura, da perda e da alienação. Nesta narrativa, a importância do título participa, pois, de um processo a partir do qual se julgarão as consequências nefastas da imposição de uma cultura sobre outra, que se viu desprestigiada, negada e oprimida.⁴

A personagem de Tourbillon⁵ afigura-se-nos, de igual modo, significativa: dá conta da perturbação cultural que a imposição religiosa provocou num mundo profundamente animista; representa o evangelizador que vem pôr cobro a práticas consideradas perigosas e não conformes à sua visão da moral e bons costumes; encarna o Europeu também desajustado numa sociedade que não compreende.

Tourbillon, cujo nome declina, em tom humorístico, o rodopiar frenético de um ser de papel lançado num mundo em constante movimento, tem a seu cargo as tarefas de instrução e de evangelização dos ‘indígenas’. Convicto da sua missão, afirma ao comissário Guillot: “Les indigènes, jubilait Tourbillon, avaient besoin de nous; l’humanité a attendu le Messie; c’était une nécessité; ils la sentaient eux aussi, ils en avaient soif” [“Os indígenas, jubilava Tourbillon, precisavam de nós; a humanidade esperou pelo Messias; era uma necessidade; eles também sentiam isso, tinham sede disso”] (LD: 37). Trata-se de um homem enérgico num mundo onde também ele se encontra descentrado e confrontado com culturas antagónicas. Porém, acredita na sua visão evangelizadora. Recorrendo ao humor e à sátira, Gérard Aké Loba tece críticas à aprendizagem francesa e católica proposta pelo padre. A primeira crítica à imposição de uma aprendizagem hegemónica surge, nessa narrativa, no decorrer de uma manifestação religiosa. Convidado para assistir à inauguração de uma igreja, o Bispo ficará perplexo face à deformação da língua francesa que a torna incompreensível nos cânticos entoados pelas africanas: “Le Père Tourbillon perçut alors l’embarras de son Supérieur et lui vint à l’aide: ‘Monseigneur, ils sont au passage où il est dit: ‘Dieu créa les hommes pour le servir et gagner le ciel’” [“O Pe. Tourbillon apercebeu-se então do

embaraço do seu Superior e foi em seu auxílio: ‘Monsenhor, eles estão na passagem onde se diz: ‘Deus criou o Homem para servi-Lo e ganhar o céu’’] (LD: 39).

Mas a crítica de Aké Loba vai mais longe. O escritor vai salientar que o ensino ministrado segundo modelos europeus não surtiu uma aprendizagem eficiente e adaptada ao contexto africano, mas antes contribuiu para perpetuar o estereótipo do negro inculto, idiota ou bizarro. Como é consabido, este ensino obrigava o colonizado a alimentar-se de um imaginário literário e cultural que, de igual modo, lhe era alheio. O recurso a programas desajustados responde a um modelo nacionalista fundado no projecto de uma França moderna, obedecendo à mesma lógica de superioridade cultural e intelectual da sua civilização. Não serão, pois, de estranhar as duras críticas a esta situação por parte dos estudiosos africanos. Joseph Ki-Zerbo observará que “as crianças volofas aprendiam a conhecer os seus ‘antepassados, os gauleses’ e as *toucouleurs* recitavam lições segundo as quais El-Hagj Omar fora um ‘sinistro’ agitador” (Ki-Zerbo s/d: 120).

Assim, em *Les Dépossédés*, às personagens do comissário e do padre junta-se a do professor, que também se inscreve numa manifestação do poder. Não podemos esquecer que, de facto, “el poder imperial intentaba, por médio de la educación, preparar a los colonizados para funciones que convenían al colonizador” como observa Martin Carnoy (1977: 14). Para alicerçar o seu poder, a escola colonial pretendia formar corpos auxiliares que permitissem à França defender os seus interesses, orientando, por isso, os seus formandos para a transmissão dos valores da civilização das Luzes. As atitudes educativas que buscam a obrigatoriedade de pensar a identidade e a cultura como uma, hegemonicamente francesas, centralizadoras e legisladoras de uma ordem que desconsidera o Outro para se valorizar a si própria, vêm, pois, dar razão a Bernard Mouralis, um dos primeiros estudiosos do romance africano, quando sublinha: “de même que la religion, l’école est souvent présentée comme une autre forme de l’oppression culturelle” [“à semelhança da religião, a escola é frequentemente apresentada como uma outra forma de opressão cultural”] (1969: 42).⁶

Gérard Aké Loba virá, efectivamente, salientar a falta de conhecimentos sobre a História Africana: “Après tout lorsqu’il tourne le dos à son village, l’enfant ne sait rien de la grandeur de son continent (...)” [“no fim de contas, quando vira as costas à sua aldeia,

a criança não faz ideia da grandeza do continente a que pertence (...)”] (LD: 18). Para acentuar a distopia, em Aké Loba, as lições de História e de Cultura parecem muito fantasiosas. Atente-se, por exemplo, na personagem de Kablanokoffidia, amigo de Douézo e autodenominado “Kablanokoffidia de Pompadour d’Artagnan, catéchiste d’Adjamé” (LD: 112), cujo nome se subverte na junção humorística, mas desconexa, de personalidades ligadas ao imaginário da História de França. Se tivermos em conta o raciocínio deste d’Artagnan, constataremos que os ensinamentos foram negligenciados aquando da sua frequência escolar, deturpando as situações históricas e geográficas e perpetuando anacronismos, como se comprova na seguinte opinião: “– Mamie, ce sont les tribus des Blancs – Le prince relève la tête – oui, ce sont les Blancs ; ils habitent tous en ‘Françon’ derrière la mer (...)” [“– Vovó, são as tribos dos Brancos – O príncipe levanta a cabeça – sim, são os Brancos; ils habitent tous en ‘Françon’ derrière la mer (...)”] (LD: 121).

Neste sentido, ao questionar o ensino colonial, Gérard Aké Loba sublinhará a desadequação aos tempos vividos e ridicularizará as personagens moldadas pela barroquização. O barroco, tal como ele se manifestou três séculos antes da publicação de Gérard Aké Loba, privilegiava uma retórica das antíteses, da hipérbole, da profusão e das metamorfoses como meios de intensificação do aparato e da exuberância na encenação da sua teatralidade, tendendo “frequentemente para o ludismo e o divertimento” (Silva 1992: 476-477). Vinculando a sua escrita ao seu sentido do presente que acompanha a modernização do mundo africano⁷, não podemos negar o carácter fantasioso, humorístico e grotesco que surge na caracterização da personagem Païs, em *Les Dépossédés*, rondando as fronteiras da irrealidade, ou no retrato de Pierre Dam’no, em *Les Fils de Kouretcha*, parecendo a escrita akelobiana dar razão a Alejo Carpentier que fala de “un éternel retour du baroque” [“um eterno regresso do barroquismo”] (1992: 27-31), no século XX.

Estas personagens caricaturais, na sua representação hiperbólica de seres desajustados e bizarros, mais do que um estilo, parecem corresponder a “uma estratégia de representação e de organização de pensamento” (Sant’Anna 2000: 123). Visa-se, assim, através dessas manifestações barrocas, a discordância do *logos* absoluto e da razão imposta pela Europa. Em *Les Dépossédés*, vergado pelo Branco, qual Caliban que

não reclama do abuso e da exploração de Próspero, País, que atravessa as grandes modificações do seu tempo, passando da época colonial, de evangelização e de castração anímica, à das independências, com a sua revalorização do passado histórico, religioso, social e cultural, continua a representar a sua condição de ser desajustado no museu de Abijão. Com efeito, no início do romance, surge como um ser autómata, roçando o fantasmagórico: “Mais soudain surgit une ombre, une ombre flottante qui se détache de l’invasion étrange de ces formes” [“Mas de súbito surge uma sombra, uma sombra ondulante a destacar-se da invasão estranha das suas formas”] (LD: 10).

É na encenação teatral do enlace de País e de Akrébié durante uma procissão que a fantasia das figurações barrocas adquire maior realce. Através de uma longa descrição, multiplicando os efeitos de ludismo e de carnavalização, o autor desmistifica o acto religioso:

Un silence électrique s’établit autour de la procession. (...). Le père Supérieur s’avançait avec une lenteur pharaonique. Son chant le forçait à s’arrêter souvent, l’ostensoir qu’il tenait levé à la hauteur de ses yeux lui cachait la foule mais une clairvoyance de metteur en scène l’habitait.

[“Estende-se um silêncio eléctrico em torno da procissão. O Padre Superior adiantava-se com uma lentidão faraónica. O seu canto obrigava-o a parar de quando em vez, a custódia que mantinha à altura dos seus olhos escondia-lhe a multidão mas uma clarividência de encenador habitava-o”] (LD: 191-192)

Com efeito, na representação do real, o texto adquire aqui uma tonalidade carnavalesca no sentido bakhtiniano da festa que convida ao riso e à ruptura da ordem estabelecida. Segundo Mikhaïl Bakhtine (1970), o povo, ao incorporar o espírito carnavalesco, ridiculariza o poder para o denunciar,⁸ de acordo com uma concepção que anula a hierarquia, quer religiosa, quer política.⁹ Lembremos, também por isso, a imagem desajustada de Pierre Dam’no, no retrato que nos dá o narrador de *Les Fils de Kouretcha*, recuperando, de certo modo, a imagem do velho Meka, no romance *Le Vieux nègre et sa médaille* (1956) do camaronense Ferdinand Oyono.¹⁰ No texto de Aké Loba, Pierre Dam’no, saudosista do tempo do Outro, enverga a indumentária colonial numa manhã das comemorações do 14 de Julho, apresentando-se como um títere: “En somme, rien ne manquait à sa ressemblance avec un épouvantail, jusqu’au casque profond, devenu roux avec le temps, et au bâton dont il faisait souvent des moulinets” [“Na

verdade, tudo o aparentava a um espantalho, até ao capacete profundo, tornado russo com o tempo, e ao bastão que fazia rodopiar com frequência”] (LFK: 9-10).

O texto ridiculariza um homem envelhecido e descontextualizado no presente da acção.¹¹ A teatralização do universo ficcional de Aké Loba visa a representação das histórias dissonantes de africanos dilacerados por séculos de escravidão, fundidos na cultura do Outro, evidenciando a identidade ‘truncada’ dos indivíduos situados entre duas margens e trazendo à discussão o aspecto contestatário das literaturas.¹²

Diga-se, contudo, que este romance de Gérard Aké Loba comporta uma nota utópica. Apesar de alguns desajustes, o escritor acredita na edificação de uma sociedade nova, mais aberta e dialogante com a Modernidade. Por isso são reequacionadas algumas questões cruciais: o casamento arranjado, a importância da educação para ambos os géneros, o papel que a mulher pode vir a desempenhar. Todavia, a ilusão será momentânea e desconstruída, sobretudo no último romance.

3. Neocolonialismos e desilusão pós-colonial

Perante o estado “de deterioração e de erosão” (Cravinho 2006: 162) que se seguiu à Independência, um número notável de intelectuais interrogam o contexto social e político de então.¹³ Na Costa do Marfim, se Bernard Dadié, Charles Nokan, Ahmadou Kourouma, Denis Oussou, Amadou Koné ou Gérard Aké Loba criticam através da palavra literária os flagelos sociais e humanitários que esses regimes viriam propagar, outros há, mais recentemente, que também não calam a Distopia, sobretudo a desunião entre marfinenses ou a guerra (sempre) constante. Refira-se, também, a voz desencantada de Véronique Tadjo, no poema “QUEL FARDEAU PORTEZ-VOUS/EN CE MONDE IMMONDE”,¹⁴ que faz parte de *Latérite* (1984), ou a de Khal Torabully, em *Mes Afriques, mes ivoires*, (2004), alertando para o ‘fardo’ do homem africano.¹⁵

Os intelectuais da primeira e segunda geração de escritores criticam, pois, o neo-colonialismo do estado marfinense, a conservação de relações de dependência com a antiga metrópole, o elevado número de cooperantes civis, a presença de militares e de capitais franceses. Esta política, como alertava Frantz Fanon, em 1961, em *Les Damnés de la terre*, reenviava para desenvolvimentos ilusórios. Por sua vez Samir Amin, em

1967, sublinhou que se tratava de um crescimento sem desenvolvimento,¹⁶ fazendo aumentar o número de gentes ignoradas pelo detentor do poder vigente.

Este modelo cultural e económico veio não só conduzir à ‘bipolarização social’ (Dumont 1962: 70), como também justificar a gestão étnica e regionalista, dando, assim, origem aos problemas que hoje se fazem sentir nesse país.¹⁷ Essa política de Houphouët-Boigny está a florada em *Les Fils de Kouretcha*, de Aké Loba. Apesar do escritor revelar que o saber técnico francês é imprescindível para a construção de uma África moderna, também vai dando conta dos interesses franceses nesta participação. A hipocrisia da personagem de Franblanc é disso exemplo. A consciência de interesses estrangeiro, no país volta, aliás, a ser referido em *Le Sas des parvenus*.

O que parece marcar, de facto, esta sua última narrativa é a tradução da conjuntura que se instalou sob a governação do primeiro presidente da Costa do Marfim. O escritor envereda agora com mais veemência pela desilusão pós-colonial, tal como o fizera Amadhou Kourouma nas múltiplas alusões a governações despóticas. Aké Loba virá criticar a megalomania política de Nabuchodonosor (Nabu), o clientelismo (representado por Nabu, Metchan e Valentine Gouja), a corrupção, os flagelos de certos atavismos que continuam presentes, a marginalização dos excluídos, a derrota dos empobrecidos do novo sistema social e os gastos exorbitantes dos emergentes.

A acção do último romance de Aké Loba tem lugar quase exclusivamente na cidade de Abijão, à excepção de algumas incursões pela localidade de Abobo,¹⁸ lugar pobre e periférico da capital económica costa-marfinense, onde se fundam as raízes de Gabriel Goban e mora a sua velha tia. O texto refere, igualmente, as grandes construções que possibilitaram o novo recorte da cidade, com o intuito de salientar que as crianças desamparadas – os ‘pousse-tout-seul’, com excepção de Nabu – e os imigrantes desfavorecidos ficaram às portas dos bairros modernos de Plateau, de Cocody, de Indénié e de Riviera, instaurando um clima de marginalização (*LSP*: 113).

Porém, o texto foca, sobretudo, os processos de manipulação e de intimidação da nova burguesia da Costa do Marfim, o que parece corroborar os propósitos de René Dumont: “Pour trop ‘d’élites’ africaines, l’indépendance a consisté à prendre la place des Blancs et jouir des avantages, souvent exorbitants, jusque-là concédés aux ‘coloniaux’ ” [“Para demasiadas ‘elites’ africanas, a independência consistiu em tomar o lugar dos

Branços e tirar partido das benesses, quase sempre exorbitantes, até então concedidas aos sujeitos ‘coloniais’”] (Dumont 1962: 70). Este estudo é, aliás, convocado no interior da narrativa de Aké Loba, acentuando, graças a este efeito de intertextualidade, o discurso crítico para com o presente e o futuro comprometidos.

Os avultados montantes relativos a festas, dívidas, honorários são sublinhados, nomeadamente aquando do aniversário de Valentine Gouja, das eleições ou da dilapidação de Nabu. A veia denunciadora da vida quotidiana permite, ao escritor, a encenação de personagens degradadas no seio de uma sociedade minada, tanto pelas crenças e práticas sociais obsoletas, como pela ambição da riqueza e da ascensão social, como, ainda, pelas identidades desajustadas ou ajustadas hipocritamente às novas realidades. Se Valentine Gouja enverga múltiplas identidades é para melhor espelhar o ensaio de Alexis Carrel, *L’Homme, cet inconnu*, significativamente colocado na narrativa de Aké Loba. Os diferentes perfis desta personagem dissonante e enigmática serão desvendados pelo marido Gabriel Goban, no final do romance, que a liga à corrupção, aos negócios ilícitos e ao crime.

O texto vinca, efectivamente, a emergência de um tempo assinalado pela ambiguidade e complexidade através, também, do retrato de Nabu. Por um lado, está ligado ao disfarce e à galanteria, na festa de Valentine apresentando-se como “Une sorte de play-boy d’un âge indéterminé. Vêtu d’un ample boubou brodé d’or et coiffé d’une calotte noire à facettes miroitantes (...)” [“Uma espécie de play-boy de idade indefinida. Trajando um amplo bubu, bordado a ouro, e usando um barrete preto com aplicações de cristais”] (LSP: 72); por outro, surge como um empresário de sucesso, associado à imagem do ‘sapeur’ africano:

Sa coupe de cheveux ‘ministérielle’, ses costumes diplomatiques en fibres nobles, ses cravates Lanvin, ses chaussures de chez Lobb qui lui coutait deux cent mille francs CFA la paire (...) ses serviettes en cuir, et enfin son chrono monté en bracelet en faisaient ce qu’on appelait jadis un dandy, et, dans notre langue actuelle où toutes les trouvailles sont encouragés un type ‘très classe’.

[O corte de cabelo de estilo ministerial, fatos de risca diplomática com tecidos nobres, gravatas da marca Lanvin, sapatos comprados na Lobb que custavam à módica quantia de duzentos mil francos CFA, cada par, as pastas de couro e, finalmente, o seu cronómetro montado num bracelete faziam dele uma figura que outrora se designava por dandy ou, na atual linguagem que

praticamos e em que todos os achados são encorajados, um indivíduo com ‘muita classe’.] (LSP : 73)

Espelha, de certo modo, a observação de Henri Louis Gates Jr. (1990), para quem a identidade já não se constrói em função da raça ou gênero, mas antes das novas ambições de ascensão e de domínio. Em todo o caso, *Le Sas des parvenus* apresenta características de uma escrita que nos revelará um novo sujeito, resultado de múltiplas metamorfoses (Said 1995). Stuart Hall frisa também que as sociedades modernas implicam “um descentramento do sujeito” (1995: 123) e que esse novo sujeito será composto por várias identidades variáveis e provisórias, muitas vezes conflituosas.

Veja-se, neste caso, como Koukoto-Durandeu aceita, agora, a sua identidade africana, sabendo que a defesa das raízes matriciais na época das liberdades conquistadas só pode proporcionar proveito:

[le] plénipotentiaire Koukoto Durandeu (...) suivait de près la nouvelle Mme Koukoto Durandeu. (...) Tout le monde savait en effet que son mari s’était ruiné à vouloir construire un palais gigantesque avec ascenseur, piscine intérieure, parc royal, volière et lac artificiel (...).

[o plenipotenciário Koukoto-Durandeu seguia de perto a nova senhora Koukoto- Durandeu. Todo o mundo sabia com efeito que o seu marido se tinha arruinado ao querer construir um palácio gigantesco com elevador, piscina interior, parque real, viveiro de aves e lago artificial] (LSP:79)

Na representação deste “mundo em trânsito” (Bhabha 1998: 19), cruzam-se tempos e espaços, dando origem a figuras complexas. Durandeu encarna agora uma identidade polifónica, mostra um ‘eu’ plural, mas sempre ligado à ostentação, ao parecer, à encenação teatral. É certo que perdeu toda a sua fortuna. Porém, a mania das grandezas prevalece. E é junto dos emergentes que ele deambula, contrariamente a Kocoumbo que vive nos bairros mais populares de Abijão. Quer Valentine, quer Nabu quer Koukoto-Durandeu parecem corroborar a leitura de Claude-Gilbert Dubois: “le gonflement du paraître est aussi un moyen d’accroître la puissance des puissants” (1992: 41). Com efeito, para vincar a emergência de um tempo assinalado pela ambiguidade, complexidade e aparência, o texto virá, de igual modo, apresentar Nabuchodonosor (Nabu) ligado ao disfarce e à galanteria. Nessa sociedade

contemporânea que procura o enriquecimento fácil, conduz à ruína e à degradação e se rende ao culto das aparências, o ser é desvalorizado a favor do parecer e do ter. Nabu encarna a imagem dessa classe emergente, oportunista e materialista, num país recentemente descolonizado.

Em última análise, sublinhe-se que esta narrativa retoma quase todas as personagens dos romances anteriores ou nela se recorda as personagens que viveram no tempo do Branco, acentuando, assim, a imagem de uma recriação de hierarquias entre os costa-marfinenses, como se a paisagem fosse de novo marcada pela barreira que separava outrora o colonizador do colonizado. Com efeito, a sociedade que descreve é hierarquizada e hierarquizante, fazendo lembrar o passado colonial, déspota e hegemónico: uma sociedade que não soube (re)inventar-se, que se limitou a reproduzir o modelo herdado pelas potências coloniais¹⁹. A sua última narrativa não só vem corroborar a leitura de alguns teóricos do pós-colonial,²⁰ como também a de Graziano Benelli. Com efeito, no estudo sobre o romance da Costa do Marfim, este académico observa que a classe política autóctone é “incompétente, tout à fait inapte” [“incompetente, completamente inapta”] (Benelli 1999: 176) para gerir uma jovem nação.

Conclusão

Procurando seguir as mudanças que o tempo opera, os romances de Aké Loba irão desenvolver uma reflexão ampla e conscienciosa em termos políticos, sociais, e identitários. O tempo em que vive Aké Loba é um tempo de culturas e de identidades que se deslocam, de relacionamentos diversos, quer em termos raciais e étnicos, quer de vivências diferentes entre homens e mulheres. Nas suas narrativas, que representam mundos transplantados e/ou em movimento constante, as questões de relacionamento do Eu e do Outro impõem-se como uma mais-valia, quer no processo fundacional, quer no que podia ser a via para um país independente, atento a todos os que nele vivem. Porém, neste processo de interacções, permanentemente em devir, num ajuste que leva o indivíduo a ser também o actor e o produtor de uma cultura e de uma paisagem social e humana (re)conformadas, a escrita akelobiana problematiza o passado, conjuga-o com o presente, e parece anunciar um futuro pouco risonho para a Costa do Marfim.

Os romances de Aké Loba mostram, gradualmente, múltiplas formas de aviltamento e de opressão. Apesar de não ter produzido uma obra tão vasta como a de Ahmadou Kourouma, Aké Loba não deixará de registrar na sua escrita a história contemporânea marcada pelo poder colonial e pelo desengano pós-colonial. Paulatinamente, os seus textos revelam um pessimismo que outros escritores também quiseram salientar. Se num primeiro tempo Gérard Aké Loba acolhe favoravelmente as propostas expressas pelo RDA (Rassemblement Démocratique Africain), presidido por Félix Houphouët-Boigny, defensor da independência da Costa do Marfim, mas muito ligado à ex potência colonial, não é menos verdade que na obra de Aké Loba também se inscreve a ambição e a corrupção desta governação.

Ao conquistarem a Independência, os países africanos, quase na sua totalidade, caem no domínio de militares, colocados no poder por um golpe de estado, ou nas mãos de um ditador. Em ambos os casos, derivaram para a incúria política, a concussão e a corrupção. Gérard Aké Loba virá então questionar as políticas adoptadas que mais lhe parecem conformar o regresso do antigo jugo colonialista²¹. De facto, aos poucos, o autor vai tender para a distopia, ao descrever a nova ordem costa-marfinense e aderir à tendência dos escritores dos anos oitenta, adeptos da literatura da intranquilidade e da desilusão. A época narrada no seu último romance articula o conflito de interesses, o peso do dinheiro, a marginalização dos excluídos, a derrota dos empobrecidos do novo sistema social, político e económico da Costa do Marfim.

Bibliografia

Adiaffi, Adé Jean-Marie (1980), *La carte d'identité*, Abidjan, CEDA.

Amin, Samir (1967), *Le développement du capitalisme en Côte d'Ivoire*, Paris, Ed. de Minuit.

Aschcroft Bill, Griffiths Gareth e Tiffin Helen (1989), *The Empire Writes Back. Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, London and New York, Routledge.

Bakhtine, Mikhaïl (1970), *L'œuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Âge et sous la Renaissance*, trad. de Andrée Robel, Paris, Gallimard.

Bardolph Jacqueline(2002), *Études postcoloniales et littératures*, Paris, Honoré Champion.

- Bhabha, Homi (1998), *O Local da Cultura*, Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- Benelli Graziano (1999), “Le roman en Côte d’Ivoire”, in Anna Paola Mossetto e Nataša Raschi (dir.), *Regards sur la littérature de Côte d’Ivoire*, Roma, Bulzoni Editore.
- Carnoy, Martin (1977), *La Educación como Imperialismo*, México, Siglo XXI Editores.
- Carpentier, Alejo (1992), “L’éternel retour du baroque”, in *Magazine littéraire*, n° 300, Julho 1992, pp. 27-31.
- Cheikh, Hamidou Kane (1960), *L’aventure ambiguë*, Paris, Julliard.
- Chevrier, Jacques (2002), *Anthologie africaine d’expression française II .Poésie*, Paris, Hatier International.
- Clanet, Claude (1993), *L’Interculturel. Introduction aux approches interculturelles en éducation et en sciences humaines*, Toulouse, Presses Universitaires du Mirail.
- Conte, Bernard Conte, “Côte d’Ivoire: une solution durable suppose une réforme du modèle de développement”, in <http://conte.u-bordeaux4.fr/Edito/edito6.htm> [consultado a 4 de agosto de 2007].
- Cravinho, João Gomes, “Legitimidade política em África”, in Rosas, Fernando e Oliveira, Pedro Aires (2006), *As Ditaduras Contemporâneas*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa).
- Dadié, Bernard Binlin (1968), *La ville où nul se meurt*, Paris, Présence Africaine.
- (1964), *Patron à New York*, Paris, Présence Africaine.
- (1960), *Un nègre à Paris*, Paris, Présence Africaine.
- (1950), *Climbié*, Paris, Seghers.
- Dubois, Claude-Gilbert (1992), “L’imaginaire baroque. Quelques repères pour appréhender l’univers des vertiges et d’illusions savamment composé par le baroque”, in *Magazine Littéraire*, n. 300, p. 41.
- Dumont, René (1962), *L’Afrique noire est mal partie*, Paris, Seuil.
- Fanon, Frantz (1952), *Peau noire, masques blancs*, Paris, Seuil.
- Gates Jr, Henri Louis (1990), “Pós-fácio”, in Zora Neale Hurston, *Their Eyes Were Watching God*, New York, Harper & Row.

- Gnaoulé-Oupoh, Bruno (2000), *La Littérature Ivoirienne*, Paria-Abidjan, Karthala-Ceda/Agence intergouvernementale pour la Francophonie.
- Fanon, Frantz (1961), *Les Damnés de la terre*, Paris, Maspéro.
- Hall, Stuart (1995), *A Questão da Identidade Cultural*, Campinas, IFCH/Unicamp.
- Hampâté Bâ, Amadou (1991), *Amkoullel, l'enfant peul. Mémoire*, Arles, Actes Sud.
- Ki-Zerbo, Joseph (s/d), *História da África negra*, trad. de Américo de Carvalho, tomo 2, Publicações Europa-América.
- Koné, Amadou (1982), *Courses, sous le pouvoir des Blakoros*, Abidjan, NEA.
- Lezou, Gérard Dago (1987), "Aké Loba : pionnier d'une littérature nationale", in Gérard Dago Lezou *Littérature de Côte d'Ivoire. 2. Écrire aujourd'hui, Notre Librairie*, Revue d'Afrique Noire, Maghreb, Caraïbes, Océan Indien, n. 87, avril-juin 1987, pp. 48-56.
- Lima, Lezama Apud Irlemar Chiampi (1998), *Barroco e Modernidade*, São Paulo, Perspectiva.
- Loba, Gérard Aké (1960), *Kocoumbo, l'étudiant noir*, Paris, Flammarion Éditeur.
- (1970), *Les Fils de Kouretcha*, Belgique, Éditions de la Francité.
- (1973), *Les Dépossédés*, Belgique, Éditions de la Francité.
- (1990), *Le Sas des parvenus*, Paris, Flammarion.
- Torabully, Khal (2004), " II. Indes Afriques", in *Mes Afriques, mes ivoires*, Paris, L'Harmattan.
- Lomba Ania , *Colonialism/Postcolonialism* (1998), London and New York, Routledge.
- Memmi, Albert (1985), *Portrait du Colonisé. Précédé du portrait du colonisateur*, Paris, Gallimard.
- Moessinger, Pierre (2000), *Le jeu de l'identité*, Paris, PUF.
- Moudileno, Lydie (2003), *Littératures africaines francophones des Années 1980 et 1990* (Document de Travail) n.º 2, Codesria/Conseil pour le développement de la recherche en sciences sociales en Afrique.
- Moura, Jean-Marc (1998), *L'Europe littéraire et l'ailleurs*, Paris, Presses Universitaires de France.
- (1999), *Littératures francophones et théorie postcoloniale*, Paris, PUF.
- Mouralis, Bernard, "L'oppression culturelle : la religion et l'école", in *Individu et collectivité dans le roman négro-africain d'expression française*, Annales de l'Université d'Abidjan, Série D, Lettres 1969, Tome 2.

- Nanga, Jean, "Côte d'Ivoire : ajustement meurtrier de la Françafrique au néolibéralisme", in <http://www.legrandsoir.info/article.php3idarticle> [consultado a 4 de agosto de 2007].
- Ngal, G.M. (1994), *Création et rupture en littérature africaine*, Paris, L'Harmattan.
- Nokan, Charles Zegoua (2000), *L'être, le désêtre et le non-être*, Côte d'Ivoire, PUCI
- Oussou-Essui, Denis, (1965), *Vers de nouveaux horizons*, Paris, L'Harmattan.
- (1979), *Les saisons sèches*, Paris, L'Harmattan.
- Oyono, Ferdinand (1960), *Chemin d'Europe*, Paris, Julliard.
- (1956), *Le vieux nègre et sa médaille*, Paris, Julliard.
- (1956), *Une vie de boy*, Paris, Julliard.
- Saïd, Edward (1995), *Cultura e Imperialismo*, São Paulo, Companhia das letras.
- Samba, Gadjigo (1990), *École blanche, Afrique noire*, Paris, L'Harmattan.
- Sant'anna, Affonso Romano (2000), *Barroco: do Quadro à Elipse*, Rio de Janeiro, Rocco.
- Sarduy, Severo (1979), "O Barroco e o Neobarroco", in César Fernández Moreno, *América Latina em sua Literatura*, São Paulo, Ed. Perspectiva.
- Silva, Vítor Aguiar (1992), *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina.
- Tadjo, Véronique (1984), *Latérité*, Paris, L'Harmattan.
- Van-Dúnem, Berlarmino, "Repensar o modelo democrático para a África", in www.caei.org/anexos/77.pdf [consultado a 4 de agosto de 2007].

Notas

¹ Com *Climbié* (1956), Bernard Dadié deu início ao romance de matriz autobiográfica, ligado às mobilidades africanas. Nesta linha se inscrevem as suas crónicas *Un Nègre à Paris* (1960), *Patron à New-York* (1968) e *La Ville où nul se meurt* (1968). Também o romance de Denis Oussou-Essui, *Vers de nouveaux horizons* (1956), e *Chemin d'Europe* (1960), de Ferdinand Oyono, escritor camaronense, exemplificam o mito da Europa e do Outro.

² Em *Les Fils de Kouretcha*, uma nota do autor informa que duas personagens são retomadas do seu primeiro romance: Tougon reaparece agora como uma entidade moderadora. Depreende-se, igualmente, que Douk regressou à África, depois de uma estada em França. Em *Le Sas des parvenus*, voltaremos a encontrar Durandeu e Kocoumbo.

³ Guillot, como encarnação da prepotência europeia no território das colónias francesas, será, aliás, evocado em *Le Sas des parvenus*. Com efeito, apoiando-se nas recordações da personagem Metchan Gouja, a última narrativa de Aké Loba desenvolve uma longa analepse onde se regressa não só ao tempo de Guillot, marcado pela época dos trabalhos forçados e do jugo implacável do Branco, mas também à luta que se inicia com o Sindicato Agrícola, criado e dirigido por Houphouët-Boigny.

⁴ Deste modo, está estabelecido o elo de ligação à epígrafe de cada um dos dois capítulos da obra de Aké Loba. São dois excertos, os primeiros e últimos versos, do poema “La puissance de l’espoir” de Paul Eluard⁴, onde também se inscreve o termo-conceito “Les dépossédés”.

⁵ Tourbillon será também recordado por Metchan Gouja quando, em *Le Sas des parvenus*, o pai de Valentine evoca o seu passado. Pela via do sacramento do baptismo que lhe facultara o padre, Gouja deixará de ser Metchan (‘o maldoso’) para renascer e, assim, adquirir uma nova identidade: um outro Eu, Germain (‘o irmão’), mais europeizado mas, na verdade, não menos falso.

⁶ Este autor virá ainda afirmar:

“on remarquera que les auteurs se montrent moins frappés par le contenu de l’enseignement qui y est donné que par le recrutement des élèves et la discipline à laquelle ils sont astreints. Vue sous cet angle, l’école apparaît en effet comme une institution du même type que toutes celle mises en place par les Européens et qui constituent l’armature du système colonial. L’aspect contraignant de l’école a été maintes fois évoqué” (*ibidem*: 42).

Ver também Samba, Gadjigo Samba (1990), *École blanche, Afrique noire*, Paris, L’Harmattan, e Gnaoulé-Oupoh, Bruno (2000), “L’École Coloniale en Côte d’Ivoire”, in *La littérature ivoirienne*, Paris, Abidjan, Karthala-Ceda.

⁷ Ver Chiampi, Irlema (1998), *Barroco e Modernidade*, São Paulo, Ed. Perspectiva; Severo, Sarduy, “O Barroco e o Neobarroco”, in César, Fernández Moreno (1979), *América Latina em sua Literatura*, São Paulo, Ed. Perspectiva.

⁸ Veja-se, ainda, o episódio caricato de um colonizado desajustado, que, na cena do matrimónio, enverga um pijama de seda mandado vir expressamente das *Galleries Lafayette*, em Paris. Ao ridículo da caracterização de Douézo soma-se o exagero e a desmedida dos enfeites, assim como o cómico da situação: o percurso da procissão que circunda três vezes a capela, repete gestos e acentua as situações paradoxais e hiperbólicas que se desdobram em encenações barrocas e carnalizantes do Branco (*LD: 190-193*).

⁹ Trata-se também na escrita de Aké Loba de uma forma de dar a ver o barroco como “arte da contraconquista, de contracatequese”, como sublinhou Lezama Lima (*apud Chiampi 1998: 8*).

¹⁰ Meka, depois de receber uma convocatória para ser condecorado nas cerimónias do 14 de Julho, no seguimento da cedência de terras suas aos missionários, depois de um dia de festa excepcional, será levado para a prisão por ser confundido com um vagabundo. Será libertado depois de desfeito o equívoco.

¹¹ Através da sátira e da caricatura torna-se mais cruel a imagem do homem desadaptado. Ver Silva, Vítor Manuel Aguiar (1992), *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, p. 488.

¹² Lezama Lima dirá que o mundo (neo)barroco é uma ópera de vozes esmagadas, homens caídos sem possibilidade de se reconciliarem com Deus (*apud Chiampi 1998: 8*).

¹³ Moudileno, Lydie (2003), *Littératures africaines francophones des Années 1980 et 1990* (Document de Travail) n.º 2, Codesria/Conseil pour le développement de la recherche en sciences sociales en Afrique. Ao período do romance (histórico, realista ou de aprendizagem), cujas preocupações se relacionam com a colonização e com a negociação entre tradição e modernidade, seguir-se-á o romance ‘da era da desilusão’, abordando as várias problemáticas e vicissitudes de uma jovem Nação. A partir dos anos oitenta, muitos escritores enveredam pela via da militância contra os regimes ditatoriais. Sobre esta questão, consulte-se também G.M. Ngal. O autor divide a literatura africana em quatro grandes períodos: 1 – a época da *Negritude*, 2 – a do romance contestatário, 3 – a da mutação das nações negras, 4 – a da consciência do insucesso das independências. (Ngal 1994).

¹⁴ Véronique Tadjo mostra, assim, este homem africano inferiorizado e ignorado pelo detentor do poder político e económico:

QUEL FARDEAU PORTEZ-VOUS/ EN CE MONDE IMMONDE/ PLUS LOURD QUE LA VILLE/ QUI MEURT DE SES PLAIES?/ QUELLE PUISSANCE/ VOUS LIE À CETTE TERRE FRIGIDE/ QUI N'ENFANTE DES JUMEAUX/ QUE POUR LES SÉPARER?/ QUI N'ÉLÈVE DES BUILDINGS/ QUE POUR VOUS ÉCRASER/ SOUS LES TONNES DE BÉTON/ ET D'ASPHALTE FUMANT?/ VOUS LES MANGEURS/ DE RESTES/ LES SANS-LOGIS/ LES SANS-ABRI/ QUEL REGARD PORTEZ-VOUS/ SUR L'HORIZON EN FEU? [QUE FARDO CARREGAIS/NESTE MUNDO IMUNDO/MAIS PESADO DO QUE A CIDADE/QUE MORRE DAS SUAS CHAGAS?/ QUE PODER VOS LIGA A ESTA TERRA FRÍGIDA/QUE ENGENDRA GÉMEOS/SOMENTE PARA OS SEPARAR?/ QUE CONSTRÓI ARANHA-CÉUS/ SÓ PARA VOS ESMAGAR/SOB TONELADAS DE BETÃO/ E DE ASFALTO FUMEGANTE?/ VÓS

TODOS COMEDORES DE RESTOS/ OS SEM EIRA NEM BEIRA/OS SEM ABRIGO/ QUE OLHAR POUAIS SOBRE O HORIZONTE EM CHAMAS?" (Tadjo *apud* Chevrier 2002: 111)

¹⁵ Na dor que sente por esse País à deriva, Véronique Tadjo interpela Ahmadou Kourouma:

(...) Kourouma, /Qui pourra condamner le gibier en l'absence du/ Chasseur?§ Je t'appelle Ahmadou, toi qui chasses les fauves/ De la terre, § Toi qui m'es frère en vertu de la puissance de tes/ Rêves § Rien n'envoûte plus que le pouvoir sans rival,/Et l'Afrique cherche le premier dictateur qui sera/ Le dernier (...) [Kourouma /Quem poderá condenar a presa na ausência do/ Caçador § Chamo por ti Ahmadou, tu que caças as feras /Da terra § Tu que és meu irmão em virtude do poder dos teus /Sonhos § Nada te fascina mais do que o poder sem rival /E a África procura o primeiro ditador quem será /O último"]. (Cf. Torabully 2004: 85)

¹⁶ Ver Fanon, Frantz (1961), *Les Damnés de la terre*, Paris, Maspéro. Consulte-se Amin, Samir (1967), *Le développement du capitalisme en Côte d'Ivoire*, Paris, Ed. de Minuit.

¹⁷ O modelo cultural e económico de Houphouët-Boigny assenta no livre movimento de capitais graças a uma zona franca; numa imigração que permitiu baixos salários na agricultura; numa política liberal de investimentos directos estrangeiros e investimentos públicos importantes; num controlo de mercado do trabalho, dos preços, do crédito e das exportações agrícolas via Caixa de Estabilização. Inicialmente, esse modelo funcionou, levando a economia marfinense a desenvolver-se rapidamente, mas a declinar logo no final dos anos setenta, nomeadamente com a subida do café e do cacau. Esse modelo veio a conhecer graves dificuldades, nos anos oitenta, em particular com a dívida externa directa e indirecta através das sociedades parapúblicas. Para mais informação, consulte-se Bernard Conte, "Côte d'Ivoire: une solution durable suppose une réforme du modèle de développement", in <http://conte.u-bordeaux4.fr/Edito/edito6.htm> e Jean Nanga, "Côte d'Ivoire : ajustement neutrier de la Françafrique au néolibéralisme", in <http://www.legrandsoir.info/article.php3idarticle>. Veja-se, ainda, o artigo de Berlarmino Van-Dúnem, "Repensar o modelo democrático para a África", in www.caei.org/anexos/77.pdf.

¹⁸ Trata-se de um bairro que Gérard Aké Loba conhece muito bem por lá ter trabalhado como professor. Compreende e pode avaliar, então, as dificuldades e a pobreza dos moradores. O percurso que Gabriel Goban faz pelas pequenas ruelas do bairro periférico, em busca do desconhecido que permanecia inúmeras vezes junto do gradeamento da sua moradia, traduz o conhecimento que o próprio autor tem desse lugar.

¹⁹ Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin interrogam-se: "Why should post-colonial societies continue to engage with the imperial experience?". Ver Ashcroft, Bill, Griffiths, Gareth e Tiffin Helen (1989), *The Empire Writes Back. Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, London and New York, Routledge, p. 6.

²⁰ Loomba, Ania (1989), *Colonialism/Postcolonialism*, London and New York, Routledge, e Jacqueline Bardolph, Jacqueline (2002), *Études postcoloniales et littératures*, Paris, Honoré Champion.

²¹ À voz de Aké Loba juntam-se a de outros autores como ele empenhados em denunciar a pobreza, a corrupção e a falsidade, factores que entravam o progresso e os contornos de um futuro melhor na Costa do Marfim. Note-se, a esse respeito, o desencanto da palavra poética de Charles Zégoua Nokan: “Vint l’indépendance. /Mais l’épais brouillard/ Colonial ne se dissipa point, /Et, au lieu de l’éclat ivoirien,/De gris est couverte la Côte d’Ivoire./Naquirent les ténèbres néocoloniales ;/Ô tempête sur notre pays !” Cf. Nokan, Charles Zégoua (2000), *L’être, le désêtre et le non-être*, Côte d’Ivoire, PUCI, p. 31.